Recebido em 21/01/2021 e aprovado em 15/04/2021

RITUAIS DE SEPULTAMENTO DOS SÍTIOS LAJEDO DO CRUZEIRO E PEDRA DA TESOURA, PARAÍBA **Um Estudo Comparativo Entre Sítios com Deposições Funerárias**

BURIAL RITUALS OF THE LAJEDO DO CRUZEIRO AND CRUZEIRO DA PEDRA SITES, PARAÍBA **A Comparative Study Between Sites with Funerary Depositions**

Flávio Augusto de Aguiar Moraes¹

flavioaguiarac@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-1053-4693>

Plínio Araújo Víctor²

pliniovictor2@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-0882-6811>

Raquel Roldan Mastrorosa³

raquel.mastrorosa@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0001-5155-8635>

13

Resumo

Este artigo apresenta preliminarmente uma caracterização dos Lajedo do Cruzeiro e Pedra da Tesoura, procuramos contextualizar os resultados, ainda que iniciais, através de informações etnohistóricas e pesquisas arqueológicas realizadas na Paraíba. Analisamos as informações existentes sobre as populações que habitavam o interior no período Pré-histórico na área conhecida hoje como estado da Paraíba, especialmente os dados concernentes a contexto funerário. Os resultados dispostos nos estudos arqueológicos realizados nos sítios Barra (Camalaú), Serrote da Macambira (São João do Cariri), Pinturas I (São João do Tigre) e Furna dos Ossos (São João do Cariri), foram utilizados, porém, percebe-se que uma das principais dificuldades é estudar um sítio com sepultamento que apresente contexto de deposição preservado, impossibilitando, em grande parte dos casos, inferências seguras acerca das práticas funerárias.

Palavras-chave: Morte, Rituais fúnebres; Tapuias; Paraíba.

¹ Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos, UFAL.

² Prefeitura de Olinda, PE.

³ Discente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

Abstract

This paper presents a preliminary characterization of the Lajedo do Cruzeiro and Pedra da Tesoura, we seek to contextualize the results, even if initial, through the ethnohistorical information and archaeological research carried out in Paraíba. We analyzed the existing information about the populations that inhabited the interior in the Pre-historic period in the area known today as the state of Paraíba, especially the data concerning the funeral context. The results obtained in the archaeological studies carried out at the Barra (Camalaú), Serrote da Macambira (São João do Cariri), Pinturas I (São João do Tigre) and Furna dos Ossos (São João do Cariri) sites were used, one of the main difficulties is to study a buried site that has a preserved deposition context, making it impossible to obtain reliable inferences about funeral practices in most cases.

Key-words: Death; funeral rituals; Tapuias; Paraíba.

CONTEXTO DA PESQUISA⁴

Falar sobre os rituais fúnebres, em qualquer que seja o período, sociedade ou cultura, é perceber a Morte⁵, o passar do tempo e suas (des)continuidades. Ao longo da história presentifica-se o culto à morte em diversos olhares, como por exemplo na antiguidade “euro oriental” que, segundo o livro *A solidão dos Moribundos*, (ELIAS, 2012), faz-se perceptível não só a ausência de identidade mútua, mas também a ausência de empatia.

Pensarmos a morte e suas descontinuidades é pensarmos acima de tudo a natureza e suas leis; em proporções evolutivas, pensarmos os ciclos das espécies, é

⁴ Este artigo utiliza como base os resultados das escavações realizadas no sítio Lajedo do Cruzeiro, na cidade de Pocinhos-PB, e o sítio Pedra da Tesoura, na cidade de Boqueirão-PB.

⁵ Escolhemos grafar a palavra Morte, iniciando com letra maiúscula, para designarmos a *Morte* enquanto tema, conceito, correlacionando com o que podemos perceber através da arqueotematologia.

pensarmos inícios e fins. Se cogitarmos a morte como mero resultado da vida, a morte por si só é tão obsoleta quanto o nascimento, pois é oriunda da natureza cíclica, sem que o meio seja justificado.

Para muitos, a ideia de morte manifesta-se como uma incógnita, para tantos outros como uma *ruptura* (ARIÈS, 2012, p. 65), uma descontinuidade da vida. Ainda há aqueles que concebem a morte como uma transição da vida para um *pós-vida espiritual* (ELIADE, 1992, p. 94). É o silenciamento do nosso corpo, a perda da nossa individualidade, a descontinuidade da nossa vida. Morin concebe a morte como o “fim do indivíduo” (1988, p. 290), “uma espécie de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual”, como uma “imagem” e não uma *ideia*, uma metáfora (1988, p. 25).

A Morte enquanto conceito não faz jus a sua veracidade. Podemos considerar a morte como uma das primeiras preocupações de nossa espécie, consequentemente, como um dos primeiros traços de nossa humanidade (MORIN, 1988). E, partindo da concepção evolutiva do homem e da natureza, não só a linguagem e a comunicação adquirida e aprimorada diferem culturas e sociedades ao longo dos anos, “mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida”, (ELIAS, 2012, p. 8).

Todavia, para além destas concepções, a morte pode também ser percebida como um “*problema*” que sempre existirá para os vivos e não para quem morreu. Analisar

à Morte e a forma como o homem a percebe, é essencialmente estudar os lugares de morte e os rituais de sepultamento, as disparidades e as perpetuações, como aponta Elias, “ideias de morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização. Ideias e ritos comum unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos” (ELIAS, 2012, p. 8). Compreendemos este processo de ritualização e da elaboração dos espaços de morte como construções e lugares de *memória*, apreendemos aqui memória enquanto “vida, sempre carregada por grupos vivos” (NORA, 1993). Tais construções estão sujeitas a modificações, mudanças e intenções diferentes, que devem ser compreendidas a partir de cada período, cultura e sociedade.

16

É partindo destas reflexões iniciais que pretendemos compreender quais as características dos rituais de sepultamento e como se deu a relação dos índios Tapuias com a morte, especialmente dos sítios identificados no estado da Paraíba, objetivando a apreensão sobre sua cultura, buscando perceber as continuidades entre as práticas funerárias identificadas nos sítios arqueológicos com as práticas descritas nas documentações referentes a estes povos (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015; BELTRÃO *et al.*, 1995/6; BORGES, 2010; CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; GUIDON *et al.*, 1998; LIMA e MORAES, 2017; LIMA *et al.*, 2017; LINDOSO, 2008; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; OLIVEIRA, 2006; SANTOS, 2009; SILVA, 2005; SILVA, 2015; SILVA *et al.*, 2007/8; SOLARI e SILVA, 2017; SOLARI *et al.*, 2016; TEIXEIRA, 2012; VERGNE, 2002; VERGNE e AMÂNCIO, 1992).

Os nossos estudos percorrem através das pesquisas realizadas com base na literatura histórica dos cronistas viajantes do Brasil colonial, em documentações disponibilizadas em arquivos, em estudos filológicos, como também nas pesquisas historiográficas e arqueológicas mais recentes acerca dos Tapuias, juntamente com as pesquisas arqueológicas⁶ realizadas nas cidades de Pocinhos e Boqueirão na Paraíba nos anos de 2016 2017, respectivamente.

2. Os Tapuias dos Sertões

Os Tapuias podem ser compreendidos como os habitantes dos sertões do Brasil, uma vez que na zona da mata encontravam-se predominantemente os Tupis (SANTOS, 2011). O termo Tapuia⁷ não faz jus diretamente a um determinado grupo de índios, entretanto, era a maneira pelo qual os tupis chamavam todos aqueles que habitavam o interior, sendo diferente deles em cultura e que não falavam a *língua comum* (BARLÉUS, 1974; CARDIM, 1978; CÂMARA CASCUDO, 1953; DANTAS *et al.*, 1992; GÂNDAMO, 1858; HERCKMAN, 1886; LAET, 1912; NIEUHOF, 1949; PINTO, 1956; SOBRINHO, 1934). Mesmo podendo ser

---

⁶ As pesquisas arqueológicas compõe um projeto mais amplo que foi elaborado por Plínio Araújo Victor e Flávio Moraes, do Instituto Memorial da Borborema, no âmbito de tentar compreender o modo de vida dos Tapuias que habitavam o planalto da Borborema. Esse projeto conta com a parceria da Prefeitura Municipal de Pocinhos, Prefeitura Municipal de Boqueirão e com a comunidade do Distrito do Marinho.

⁷ O termo Tapuia pode ser encontrado em outras grafias nas documentações historiográficas, sendo elas: Tapuhia (SALVADOR, 1931), Tapuya (CARDIM, 1978), Tapyya (FIGUEIRA, 1915), Tapuyo (BRITON, 1891), Tapuhy (VARNHAGEN, 2002), Tapuyers (NIEUHOF, 1942) e Tapuza (PINTO, 1956)

compreendidos equivocadamente como um só grupo, os Tapuias “distinguem-se por suas designações, línguas, costumes e territórios” (BARLÉUS, 1974, p. 260). Faz-se necessário compreendermos que a distinção entre esses grupos se dá principalmente através da classificação linguística oriundas dos estudos filológicos, dentre os quais temos distintamente os Tarairiús, possuidores de uma língua isolada, e os Cariris, provenientes do tronco linguístico Macro Jê (URBAN, 1992).

Relatos detalhados sobre os costumes dos Tarairiús podem ser encontrados principalmente nas obras dos cronistas que tinham afinidades com os holandeses, a exemplo de Marcgrave em 1648 (1972), Barléus em 1647 (1974) e Elias Herckman em 1636 (1886), uma vez que tal nação encontrava-se aliada aos ocupantes⁸ no período. Todavia, encontramos também o relato de Pedro Carrilho de Andrade⁹ (CARTA, 1704), que faz uma breve descrição acerca desta nação para o Rei Dom Pedro II.

Dentre os povos Tapuias, mais precisamente no estado da Paraíba, segundo as narrações do cronista neerlandês Elias Herckman, encontravam-se os tapuias em “várias nações distintas” onde achavam-se os “Caryrys, cujo rei se chama Kerioukeiou”, os “Caririwasys, e o seu rei Karipoto”, os “Careryjouros”, e a nação

⁸ Correspondente ao período do Domínio Holandês ou Ocupação Holandesa no Brasil nos anos de 1624 – 1954.

⁹ Carta do brasileiro Pedro Carrilho de Andrade ao Rei (D. Pedro II) sobre o envio de um memorial de notícias e lembranças acerca da paz e guerra com o gentio do Estado do Brasil, datada de 18 de março de 1704.

“Tarairyou, do rei Jan Dowi¹⁰”. Esta última foi onde o cronista encontrou maior suporte para transmitir os conhecimentos adquiridos sobre os costumes e tradições através de suas narrativas, por conta da proximidade destes com os holandeses, (1886, p. 279).

No que tange aos índios Cariris, também compreendidos como Tapuias e habitantes da mesma região, os mesmos “form a distinct liguistic family comprising the Dzubukua, Kipea, Pedra Branca, and Sapuya dialects¹¹”, (LOWIE, 1946, p. 557). Ocupantes de um território que se estende “desde o Paraguassú e o Rio São Francisco até o Itapucurú, talvez mesmo até ao Gurupi”, como aponta Rodolfo Garcia¹², ou ainda na compreensão de Sobrinho (1947), “das regiões meridionais do Ceará (Vale do Cariri e adjacência) ao centro norte da Baía, ao sul do Rio São Francisco”, abarcando assim exatamente a região das coordenadas geográficas das quais aponta Lowie (1946, p. 557), “Lat. 8° S, Long. 40° W¹³”.

Os relatos que temos dos Cariris durante o período colonial consistem praticamente em estudos acerca das linguagens, da formação de dicionários e dos relatos das

¹⁰ Jan Dowy pode ser encontrado em outra grafia como Jandui (BARLÉUS, 1974).

¹¹ Traduzido pelo autor: “formam uma família linguística distinta, compreendidas nos dialetos Dzubukua, Kipea, Pedra Branca e Sapuya”/“form a distinct liguistic family comprising the Dzubukua, Kipea, Pedra Branca, and Sapuya dialects”

¹² Prefácio de Rodolfo Garcia do livro *Catecismo da Doutrina Cristã na Lingua Brasilica da Nação Kariri*, de Luiz Vincencio Mamiani, 1942.

¹³ Apresentamos as coordenadas geográficas para que facilite a compreensão da região através da cartografia, independente de conhecimento prévio de localização.

missões religiosas¹⁴, tendo em vista a necessidade do período em que se tinha em conhecer a língua para melhor catequizar. O que sabemos em si sobre a sua cultura é bem escasso se comparado aos relatos que temos sobre os Tarairiús, porém foi através dos estudos filológicos que Sobrinho aponta uma semelhança *léxica* e de *analogia sintática*, que possibilitou o mapeamento das origens dos Cariris, considerando suas “línguas oriundas dos povos brasílicos, vindos da Amazônia.”, (SOBRINHO, 1950 p. 346).

3. Práticas Funerárias dos Tapuias

3.1 Relatos Etnográficos

As documentações etnográficas consistem, principalmente, em relatos de cronistas viajantes e de missionários estabelecidos em aldeamentos. No primeiro caso, os relatos baseiam-se em descrever com maior elucidação as práticas culturais Tarairiús, tendo em vista suas singularidades. No que diz respeito aos Cariris, percebemos que os missionários satisfizeram as expectativas que as ordens religiosas tinham para com estes índios, onde hoje podemos encontrar dicionários e estudos filológicos que nos permitem um conhecimento mais aprofundado sobre a língua destes povos (GOEJE, 1950; LOWIE, 1946; MAMIANI, 1942; NANTES, 1896; NANTES, 1979; SAMPAIO, 1902; SOBRINHO, 1947; SOBRINHO, 1950; URBAN, 1992).

¹⁴ Missões religiosas presentes no Brasil desde 1500 com o intuito de catequizar os nativos, sendo encontradas aqui missões jesuíticas, franciscanas, beneditinas, carmelitas e hábitos de São Pedro.

Os Tarairiús são concebidos pelos cronistas como populações antropofágicas, ou seja, populações que consumiam a carne humana, entretanto, estas nós não consideramos canibais, pois a consumação dava-se, apenas, no processo ritualístico fúnebre, sendo tal processo conhecido mais especificamente como endocanibalismo (BORGES, 2010; LINDOSO, 2008; SILVA, 2015). Relatos podem ser encontradas nas narrativas de Barléus (1974), Elias Herckman (1886), Marcgrave (1942), Nieuhof (1942), entre outros. Todavia, explicitamos, por meio das narrativas de Herckman (1886), o rito observado entre a tribo de Janduí,

“Si morre algum delles, seja homem ou mulher, em sendo morto, comem-no, dizendo que o finado não pode ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos. [...] às vezes não o podem comer todo, então guardam o resto para ocasião oportuna, especialmente os ossos que, depois de queimados, pisados e reduzidos a pó, misturam com a sua farinha e assim comem.” (1886, p. 285).

21

No livro “Relação de uma missão no Rio São Francisco” (1979), o padre capuchinho Martinho de Nantes, expressa por intermédio de seus relatos as práticas ritualísticas dos índios Cariris. Após o contato com a fé cristã, surgem narrativas como meio de expressar os avanços da catequização entre os indígenas, não nos deixando a par das práticas destes grupos antes das mudanças ocasionadas por conta das missões religiosas.

No mais, os relatos etnográficos que se referem aos Cariris não expressam detalhadamente seus rituais fúnebres, entretanto é sabido que, diferentemente dos Tarairiús, os Cariris não eram praticantes do canibalismo e também costumavam atribuir a *causa mortis*, quando não por velhice, à feitiçaria, na qual costumavam condenar os acusados à morte. (LOWIE, 1946; NANTES, 1979).

3.2 Pesquisas Arqueológicas

Os apontamentos acerca dos ritos fúnebres percebidos pela arqueologia, dar-se-ão fundamentalmente com base nas pesquisas que vem sido realizadas nas necrópoles indígenas no Nordeste do Brasil desde a segunda metade do século XX (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015; BELTRÃO *et al.*, 1995/6; BORGES, 2010; CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; GUIDON *et al.*, 1998; LIMA e MORAES, 2017; LIMA *et al.*, 2017; LINDOSO, 2008; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; OLIVEIRA, 2006; SANTOS, 2009; SILVA, 2005; SILVA, 2015; SILVA *et al.*, 2007/8; SOLARI e SILVA, 2017; SOLARI *et al.*, 2016; TEIXEIRA, 2012; VERGNE, 2002; VERGNE e AMÂNCIO, 1992), quando foram percebidos determinados padrões de enterramentos e ritos, numa área correspondente ao local de habitação dos Tapuias, segundo os relatos etnográficos supracitados. Para tanto, é necessário compreendermos quais são os processos de deposições já identificados pela arqueologia, os quais são usados como parâmetros para a realização das pesquisas.

As deposições podem ser do tipo *primárias*, estabelecidas como o processo de inumação ritualístico inicial, quando os restos humanos são “depositados logo após a morte do indivíduo” (DUARTE, 2003, p. 266).

E do tipo *secundárias*, quando é realizado o processo de ritualização dos ossos do indivíduo. Estas “são caracterizadas, a priori, pela desarticulação do esqueleto” (SILVA, 2005), como também pela transposição do corpo para locais, muitas vezes distintos do espaço inicial da inumação primária. (CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; DUDAY, 2006; KNÜSEL, 2014). Em ambos os casos, as deposições podem ser realizadas de maneira direta ou indireta sobre o solo, a diferenciação dar-se-á pelo possível acondicionamento em esteiras, furnas ou acomodadas em estruturas feitas de rochas (CISNEIROS, 2004; DUARTE, 2003; DUDAY, 2006; KNÜSEL, 2014).

As deposições ainda podem ser do tipo *múltiplas*, “defined as the simultaneous deposition of several bodies¹⁵”, compostas por deposições primárias sequenciais (KNÜSEL, 2014, p. 43) ou *coletivas* “in these collective burials, of which the [...] osseous remains are, for the most part, disarticulated and are many times fragmented in the extreme¹⁶” (DUDAY, 2006, p. 50). É plausível considerarmos,

¹⁵ Traduzido pelo autor: “definido como a deposição simultânea de vários corpos”/ “defined as the simultaneous deposition of several bodies”

¹⁶ Traduzido pelo autor: “em sepultamentos coletivos, dos quais os restos ósseos são na maior parte desarticulados e muitas vezes fragmentados ao extremo” “in these collective burials, of which the [...] osseous remains are, for the most part, disarticulated and are many times fragmented in the extreme”

também, que por entre os enterramentos e processos ritualísticos, encontramos deposições com sinais de cremação (processo de queima parcial dos ossos) ou de incineração (redução total dos ossos a pó), como também ossos pintados com óxido de ferro. (LIMA, 1986; TORRES, 1995; CISNEIROS, 2004; OLIVEIRA, 2006; SILVA *et al.*, 2007/8; GASPAR *et al.*, 2008; MARTIN, 2008; 2013; CASTRO, 2009; BORRINI *et al.*, 2012; STRAUSS, 2016; SOLARI e SILVA, 2017; LIMA *et al.*, 2017).

De maneira associada com o enterramento, podemos encontrar pertences e vestígios que fazem/fizeram parte do processo ritualístico, sendo eles: contas de colar, pingentes, sementes, ossadas de animais, materiais líticos, fibras vegetais, cerâmicas, conchas, etc. que podem permitir o estabelecimento de linhas de desenvoltura evolutiva cultural e na identificação de determinados especificações que possam auxiliar para a compreensão comportamental de determinados grupos para com o rito.

4. Os sítios arqueológicos na Paraíba

4.1 Precedentes

No ano de 2008 foram realizadas escavações para fins de pesquisa, nos sítios cemitérios Pinturas 1 e Furna dos Ossos.¹⁷ O sítio Pinturas 1 está situado no Município de São João do Tigre. Santos, (2011), afirma que o mesmo sítio já havia

¹⁷ Realizada por Juvandi de Souza Santos, (UEPB), e por Allysson Allan de Farias, (UEPB).

sido parcialmente escavado na década de 1970 por Armand Laroche, interferindo na coleta de dados essenciais à pesquisa. O sítio Furna dos Ossos está localizado no Município de São João do Cariri, ambos situados no semiárido paraibano.

Isentos da data das escavações, sabemos, pois, que os sítios Barra e Serrote da Macambira foram escavados por Carlos Xavier de Azevedo Netto, (UFPB), os respectivos sítios estão localizados nos Municípios de Camalaú (Barra) e São João do Cariri (Serrote da Macambira), também no semiárido paraibano. Azevedo Netto e Oliveira (2015), afirmam terem enfrentado dificuldades na realização da coleta de dados nas escavações do sítio Serrote da Macambira pelo mesmo ter sofrido uma interferência policial que acabou por descontextualizar o sítio. As informações analisadas e coletadas no que dizem respeito aos rituais e aos materiais associados, possivelmente parte do enxoval fúnebre, estão situadas abaixo (Tabela 1 e Tabela 2). Estas informações foram coletadas a partir da bibliografia dos respectivos pesquisadores, (AZEVEDO NETTO E OLIVEIRA, 2015; SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS, e FARIAS, 2010; SANTOS, 2011).

Sítio Arqueológico	Número de Enterramentos	NMI*	Tipo de Enterramento					
			Primário	Secundário	Individual	Coletivo	Múltiplo	Pintura Óssea
Barra	...	...	-	x	...	...	...	...
Furna dos Ossos	...	14	-	x	...	...	...	x
Pinturas 1	...	35	...	...	...	...	...	...
Serrote da Macambira	...	15	-	x	...	...	...	x

Tabela 1 – Enterramentos. NMI: Número Mínimo de Indivíduos.

Sítio Arqueológico	Material Associado						
	Contas de Colar	Lítico	Cerâmica	Fibra Vegetal	Cestaria	Fogueira	Fauna
Barra	-	-	-	x	x	-	-
Furna dos Ossos	x	x	x	x	-	-	-
Pinturas 1	x	x	x	-	-	-	-
Serrote da Macambira	-	x	x	-	-	-	-

Tabela 2 – Materiais Associados.

4.2 Novas Escavações

No ano de 201 iniciou-se novas escavações no interior do estado da Paraíba, para fins de pesquisa. Estas pesquisas contam com o apoio e parceria do Instituto Memorial da Borborema, da Prefeitura Municipal de Pocinhos, Prefeitura Municipal de Boqueirão e com a comunidade do Distrito do Marinho. As informações apresentadas a seguir são resultados preliminares de uma pesquisa que está em andamento.

Para as escavações e registros foram utilizadas as metodologias dispostas em Roskams (2001), Bicho (2006), Duday (2006), Kanusel (2014).

4.2.1 Sítio Lajedo do Cruzeiro

O sítio Lajedo do Cruzeiro teve a campanha de escavação realizadas em março de 2017, está localizado no perímetro da sede do Município de Pocinhos (Figura 1) no semiárido paraibano. O sítio corresponde a um abrigo situado no alto de uma formação rochosa, conhecida na região como Lajedo do Cruzeiro.

As informações acerca da existência deste sítio arqueológico foram repassadas por moradores locais, durante uma visita a cidade dos arqueólogos coordenadores da pesquisa. Em visita ao local indicado foi identificado a presença de ossos humanos, costelas e vértebras, em superfície (Figura 2).

Figura 1 – Mapa de localização do Município de Pocinhos (PB). Fonte: Elaborado pelo autor.

As escavações foram iniciadas no local onde foi identificado os ossos em superfície, abrigo com a abertura voltada para o norte, designada de área 1, porém, nenhuma

evidência foi encontrada subsuperfície. O afloramento apresentava outra área abrigada no lado sul, e resolvemos fazer algumas sondagens. Logo na primeira decapagem se identificou a presença de ossos humanos dispersos e um sepultamento na unidade de escavação N90L108. (figura 3).

Figura 2 – Ossos humanos identificados em superfície na área abrigada do sítio Lajedo do Cruzeiro.

No que tange as análises de rituais, foram encontrados um sepultamento em contexto do tipo secundário, coletivo, onde o NMI (Número Mínimo de Indivíduos) corresponde a 8, sendo 7 não adultos e 1 adulto. O material associado ao

enterramento, considerado como parte do enxoval fúnebre, consiste em um bico de ave (possivelmente periquito) e contas de colar concebidas a partir de ossos de aves.

Foi identificado ainda marcas de corte intencional nas extremidades epifisiais de vários ossos longos dos indivíduos não adultos, porém, as análises estão em andamento e os resultados serão apresentados em publicações futuras.

Figura 3 – Planta baixa contendo a localização das unidades escavadas no sítio Lajedo do Cruzeiro.

O Sítio Pedra da Tesoura é um abrigo sob-rocha, e até o presente momento foram realizadas duas campanhas de escavação, nos meses de maio e novembro de 2017. Está localizado no alto de um morro nas proximidades do Distrito do Marinho, no Município de Boqueirão (Figura 4), semiárido da Paraíba.

Figura 4 – Mapa de localização do Município de Boqueirão (PB).

As informações coletadas no sítio, até o presente momento, consistem numa totalidade de quatro enterramentos, todos secundários, sendo três deles cremados e um enterramento com esqueleto apresentando pigmentação avermelhada (Figura

3). O NMI ainda não foi realizado, pois os trabalhos encontram-se em andamento, porém, é possível afirmar que os ossos com pigmentação vermelha pertencem ao mesmo indivíduo, adulto, e do sexo masculino (Figura 5). Para tais observações foram usadas como referência metodológica os trabalhos já consagrados de Ferembach *et al.* (1980); Buikstra and Ubelaker (1994) e Bruzek (2002).

Figura 5 – Ossos pigmentados com Óxido de Ferro.

A área abrigada onde localiza-se o sítio Pedra da Tesoura apresenta uma deposição de sedimento com profundidade máxima de 25cm. Tendo em vista a utilização do abrigo por animais diversos, além de em períodos mais recentes ser utilizado também por caçadores em seus momentos de descanso e/ou espreita, identificamos um grau de perturbação significativo. Foram encontrados no perímetro do sítio contas de colar confeccionados a partir de ossos de aves, com motivos geométricos gravados, bico de ave (possivelmente periquito), material lítico e dentes de felinos confeccionados como pingentes. Atualmente, as atividades estão concentradas em laboratório e almejamos dispor de resultados mais amplos e consistentes nos próximos meses.

32

CONSIDERAÇÕES

Sabendo que a demarcação territorial na qual se encontram os sítios correspondem ao encontrado na literatura como local de habitações dos Cariris e Tarairiús, é possível relacionar as evidências arqueológicas identificadas nos sítios Lajedo do Cruzeiro e Pedra da Tesoura com as informações disponíveis nos relatos etnohistóricos (BARLÉUS, 1974; HERCKMAN, 1886; MARCGRAVE, 1942; NIEUHOF, 1942).

No que diz respeito às comparações das práticas identificadas nos sítios arqueológicos objeto desta pesquisa, em relação a outros sítios na Paraíba e no Nordeste do Brasil, identificamos que enterramentos do tipo secundários foram encontrados nos sítios Serrote da Macambira - PB (AZEVEDO NETTO e

OLIVEIRA, 2015), Barra - PB (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015), Furna dos Ossos - PB (SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2010), Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Toca do Enoque – PI (LUZ, 2014), São José II (LIMA e MORAES, 2017) Baixa das Flores – AL (LIMA e MORAES, 2017), Gruta do Padre - PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Cemitério do Cabloco – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994), Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006), Dunas de Zorobabel - BA (MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Justino – SE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005; VERGNE e AMÂNCIO, 1992; VERGNE, 2002), Pedra do Alexandre - RN (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; MARTIN, 2013; MELLO E ALVIM *et al.*, 1995-1996), Pedra do Chinelo - RN (CISNEIROS, 2004), Mirados - RN (CISNEIROS, 2004) e Furna dos Ossos - RN (LIMA *et al.*, 2017).

Dentre os processos de utilização de pigmento vermelho no material ósseo, percebe-se a recorrência desta prática nos sítios Serrote da Macambira - PB (AZEVEDO NETTO e OLIVEIRA, 2015), Furna dos Ossos - PB (SANTOS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2009; SANTOS e FARIAS, 2010), Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006), Pedra do Alexandre - RN (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1995/6; MARTIN, 2005; MARTIN, 2013; MELLO E ALVIM *et*

al., 1995-1996), Pedra do Chinelo - RN (CISNEIROS, 2004) e Furna dos Ossos - RN (LIMA *et al.*, 2017). E ritualizações de cremação nos sítios Toca do Gongo 1 – PI (CISNEIROS, 2004; LUZ, 2014; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995), Gruta do Padre - PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994; MARTIN, 2005), Cemitério do Caboclo – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 1994) e Alcobaça – PE (CISNEIROS, 2004; MARTIN, 2005; NASCIMENTO e LUNA, 1995/6; OLIVEIRA, 2006).

No concernente a cultura material associada aos sepultamentos, tendo em vista a alteração do contexto de deposição, não nos foi possível inferir com segurança acerca das relações existentes entre ambos. Os estudos realizados pelos pesquisadores Juvandi de Souza Santos e Carlos Xavier de Azevedo Netto em sítios com características similares no estado da Paraíba, apresentam informações que estabelece relação entre a cultura material identificada e o contexto funerário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillipe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AZEVEDO NETTO, C. X. de; OLIVEIRA, A. M. P. de; Os documentos arqueológicos e históricos: a relação da cultura material e do ambiente nos sítios arqueológicos do Cariri paraibano. *In: Revista do Curso de História UNICAP*, 2 (3): 08 – 27, 2015.

BARLÉUS, Gaspar. História dos feitos praticados durante os anos no Brasil (1647). Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974.

BELTRÃO, Maria C. M. C., AZEVEDO NETTO, Carlos X., AMORIM, Jacqueline. O cemitério do Caboclo: um novo tipo de sítio arqueológico no interior da Bahia. *In: Clio: Série Arqueológica*. Nº11: 71 – 85, 1995/6.

BORGES, Fábio Mafra. Os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na área arqueológica do Seridó Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. Recife: UFPE, 2010.

BORRINI, M.; MARIANI, P.P.; MURGIA, C. RODRIGUEZ, C.; TUMBARELLA, M.V. Contextual Taphonomy: Superficial Bone Alterations as Contextual Indicators. *J. Biol. Res.*, Nº1 – vol. LXXXV: 217-219, 2012.

BRITON, Daniel Garrison. *The American Race*. New York, 1891.

BRUZEK, J. 2002. A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone. *In: American Journal of Physical Anthropology*, 117: 157–168.

BUIKSTRA, J, E; UBELAKER, D, H. 1994. Standards for data collections from human skeletal remains. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report, n. 44.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1953.

CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

CARTA de Pedro Carrilho de Andrade ao rei [D. Pedro II] sobre o envio de um memorial de notícias e lembranças acerca da paz e guerra com o gentio do Estado do Brasil. Projeto Resgate - Pernambuco (1590-1826), 1704.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Arqueologia, 2009.

CISNEIROS, D. Práticas funerárias na Pré-história do nordeste do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto L.; CARVALHO, Maria Rosário G. de; Os povos indígenas no nordeste brasileiro. In: CUNHA, Manuela Carneiro da, (org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: companhia das Letras/FAPESP, 1992.

DUARTE, Cidália. Bioantropologia. In: José E. Mateus e Marta Moreno-Garcia, (eds). Paleoecologia Humana e Arqueociências. Sob a Tutela da Cultura. Instituto Português de Arqueologia, 2003.

DUDAY, H. L'archeothanatologie ou l'archéologie de la mort (archaeothanatology of the archaeology of death. In: Gowland, R e Knüsel, C. (eds). Social Archaeology of funerary remains. Oxbow Books, Oxford: 30-56, 2006.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. A solidão dos Moribundos. Tradução Plínio Dentzien. Editora ZAHAR: Rio de Janeiro, ed. digital: maio de 2012.

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. 1980.Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. In: Journal of human evolution, 9, pp.: 517-549.

FIGUEIRA, Antônio Fernandes. O padre Antônio Vieira. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Rio de Janeiro: IHGB, tomo especial, 1ª parte, 1915.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. História da Provincia Sãta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. In: Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Tomo XXI, 4º Trimestre, 1858.

GOEJE, C. H. de. O Cariri, (Nordeste Brasileiro). Tradução Osvaldo de Oliveira Riedel. In: Revista do Instituto do Ceará, TOMO LXIV, 1950.

GUIDON, Niéde; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Claudia; VERGNE, Cleonice. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional da Serra da Capivara, Brasil. In: Clio: Série Arqueológica, Nº 11: 187 – 197, 1998.

HERCKMAN, Elias. Descrição geral da Capitania da Paraíba (1639). *In*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Tomo V, Nº 31: 239-288. Recife: Typographia Industrial, 1886.

KNÜSEL, Christopher J. Crouching in fear: Terms os enganement for funerary remains. *Journal of Social Archaeology*, Vol 14 (1): 26-58, 2014.

LAET, Joannes de. História ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 (1647). Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, v.30 (1908): 1-66, Rio de Janeiro, Officinas da Graphics da Bibliotheca Nacional, 1912.

LIMA, D.V.R. de; MORAES, F.A. de A. Estudo Paleobiológico de restos humanos proveniente do sítio Baixa das Flores, Limoeiro de Anadia, Alagoas. *In*: Clio: Série Arqueológica, Nº 32 (1): 14-36, 2017.

LIMA, D. V. R.; MORAES, F. A. A.; SANTOS, J. S.; JUNIOR, V. S.; O sítio cemitério Furna dos Ossos em Santana dos Matos – RN, estudos preliminares dos restos osteológicos humanos encontrados em superfície. *In*: Clio: Série Arqueológica, Nº 32 (2): 17-47, 2017.

LINDOSO, Dirceu. Lições de etnologia geral: introdução ao estudo de seus princípios seguido de dois estudos de etnologia brasileira. Dirceu Lindoso (org.) - Maceió: EDUFAL, 2008.

LOWIE, Robert H. Handbook of South America Indians. V. 1. New York, 1946.

LUZ, M. F. Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, sudeste do Piauí, Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MAMIANI, Luiz Vincencio. Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasília da Nação Kariri. [1698], Lisboa (Edição fac-smiliar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional), 1942.

MARCGRAVE, Jorge. História natural do Brasil (16--). São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1942.

MARTIN, Gabriela. Os Rituais Funerários na Pré-história do Nordeste. *In: Clio: Série Arqueológica*, Nº 10: 29 - 46, 1994.

_____. O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN. *In: Clio: Série Arqueológica*, Nº 11: 43 – 57, 1995/96.

_____. L’ic história do Nordeste do Brasil. 4ª ed. Recife: Hd. Universitária da UFPE, 2005.

_____. Pré-história do Nordeste do Brasil, 5ª edição. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2013.

MELLO E ALVIM, M. C. de; UCHÔA, D. P.; SILVA, S. F. S. M. da; Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *In: Clio: Série Arqueológica*, 1 (11): 17- 42. 1995-1996.

MONTANARI, Danila Comastri. MORITURI TE SALUTANT. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. 2ª edição. Portugal: Editora Europa América. Coleção Biblioteca Universitária, 1988.

NANTES, Bernardo de. Catecismo da língua Kariris. Edição fac-similar, por Julio Platzmann, da primeira edição (1709). Leipzig: B. G. Teubner, 1896.

NANTES, Pe Martinho de. OFM cap. Relação de uma missão no Rio São Francisco (1707). São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

NASCIMENTO. Ana. ALVES, Claudia. LUNA, Sueli. O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco: primeiros resultados. *In: Clio: Série arqueológica*. Nº 11: 87-98, 1995/96.

NIEUHOFF, Joan. Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil. 2ª ed. São Paulo: Martins, 1942.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História; *In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, Nº 10, dez. 1993.*

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no vale do Catimbu - Buíque - PE. *In: Clio: Série Arqueológica, Nº 21 (2): 05 -39, 2006.*

PINTO, Estêvão. Etnologia brasileira (Fulniô – os últimos Tapuias). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SALVADOR, Vicente do. História do Brasil: 1500-1627. 3ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo: 1931.

SAMPAIO, Theodoro. Da evolução histórica do vocabulário geográfico no Brasil. *In: Revista do Instituto do Ceará. TOMO XVI, 1902. p. 209-222*

SANTOS, J. S. Práticas funerárias e cultura material nos Sertões da Paraíba: a necrópole sítio Pinturas I, em São João do Tigre. Recife: O Autor, 2009.

_____. A. escavação arqueológica da necrópole Sítio Pinturas I, em São João do Tigre: Traços indeléveis dos indígenas cariris nos sertões da Paraíba. João Pessoa: JRC, 2011.

SANTOS, J. S.; FARIAS, A. A. Diagênese óssea nos cemitérios indígenas dos Sertões da Paraíba. *In: Clio: Série Arqueológica v. 24: 111-125, 2009.*

_____. Fragmentos ósseos de 5 necrópoles indígenas da Paraíba e Rio Grande do Norte: entre pesquisas e vandalismos, sítios arqueológicos salvos. *In: Ciência e Conhecimento, v. 07: 1-13, 2010.*

SHAKESPEARE, William. HAMLET. Tradução de Millor Fernandes, 1984. [1609] Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/teatro/> // Acesso em 20 de abril de 2018.

SILVA, Filipa Cortesão; CUNHA, Eugénia; GONÇALVES, Victor. Sinais de fogo: análise antropológica de restos ósseos cremados do Neolítico final/Calcolítico do tholos OP2b (Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz). *In: Antropologia Portuguesa, 24/25: 109-139, 2007/08.*

SILVA, Joadson Vagner. Apontamentos sobre a História indígena na serra de Santana – RN, séculos XVII e XVIII. Caicó: UFRN, 2015

SILVA, Sérgio Francisco Serafim Monteiro da. Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOBRINHO, Pompeu. Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman. In: Revista do Instituto do Ceará. TOMO XLVIII: 7 - 28, 1934.

_____. Sistema de parentesco dos índios Cariris. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXI, 1947.

_____. As origens dos Índios Cariris. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXIV, 1950.

SOLARI, A.; ALVES-PEREIRA, A.; ESPÍNOLA, C. S.; MARTIN, G.; COSTA, I. P. da; SILVA, S. F. S. M. da. Escavações arqueológicas no abrigo funerário Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco. In: Clio: Série Arqueológica, Nº 31 (1): 105-135. 2016.

SOLARI, A.; SILVA, S. F. S. DA. Sepultamentos secundários com manipulações intencionais no Brasil: um estudo de caso no sítio arqueológico Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco, Brasil. In: Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Nº 12 (1):135-155, jan-abr. 2017.

TEIXEIRA, Luana. Para além da “pedra e caco”: o patrimônio arqueológico e as igaçabas de Palmeira dos Índios, Alagoas. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2012.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: companhia das Letras/FAPESP, 1992.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História das lutas com os holandeses no Brasil: desde 1624 até 1654. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

VERGNE, C. Estruturas funerárias do sítio do Justino: distribuição no espaço e no tempo. *In: Canindé*, Nº 2: 251-237, 2002.

VERGNE, C.; AMÂNCIO, S. A Necrópole pré-histórica do Justino/Xingó – Sergipe: Nota prévia. *CLIO – Série Arqueológica*, Nº 8: 171 – 181, 1992.